

Acompanhamento e fidelidades na Vida Religiosa.

Fr. Vanildo Luiz Zugno, OFMcap

Resumen

O acompanhamento é uma relação pedagógica que exige horizontes e objetivos comuns por parte das pessoas envolvidas. Na Vida Religiosa, o acompanhamento se configura ao modo como Deus acompanha seu povo. Fidelidade a Deus, à realidade, ao processo e ao objetivo, aparece, então, como exigências para um acompanhamento cristão entre religiosos/as.

El acompañamiento es una relación pedagógica que exige horizontes y objetivos comunes por parte de las personas involucradas. En la Vida Religiosa, el acompañamiento se configura al modo como Dios acompaña su pueblo. Fidelidad a Dios, a lo real, al proceso y al objetivo, aparecen entonces como exigencias para un acompañamiento cristiano entre religiosos/as.

Pensando principalmente nos religiosos e religiosas que assumem a missão de acompanhantes na caminhada da Vida Religiosa (VR) faremos algumas considerações sobre o acompanhamento e as fidelidades que, nele, se fazem necessárias. Muitas coisas poderão servir, é claro, também para aqueles que buscam acompanhamento pois este, como veremos, é sempre uma via de mão dupla.

Mesmo sabendo que outras modalidades de acompanhamento são possíveis, nossa referência é sempre o acompanhamento pessoal. Partiremos de uma tentativa de descrição do que seja acompanhamento para, em seguida, a partir da experiência do acompanhamento de Deus a seu povo e à humanidade, tentar discernir algumas exigências de fidelidade que se colocam a esse processo.

1. TENTATIVA DE APROXIMAÇÃO

Por acompanhamento na VR entendemos aquela relação que se estabelece quando um/a religioso/a é convidado/a ou tem por missão orientar um/a outro/a religioso/a. Isso pode dar-se tanto na etapa da formação inicial como na formação permanente, quando um/a religioso/a, supostamente mais experiente e maduro, tem a missão ou convite para ajudar outro/a já professo a discernir os passos da caminhada.

Em todo acompanhamento há duas pessoas em situações diferentes: uma é aquela que acompanha e outra é aquela que é acompanhada; uma é aquela que orienta,

outra é aquela que é orientada, uma assume a função de mestre e a outra a de discípulo.

A relação de acompanhamento é uma relação pedagógica. E, nunca é demais lembrar, em toda relação pedagógica, os dois pólos sempre são, ao mesmo tempo, ativos e passivos na ação. O mestre, ao exercer a sua função de conduzir, não deixa de, ao mesmo tempo, ser conduzido pelo seu discípulo. Não existe, por parte do acompanhado, um vazio absoluto que precise ser preenchido nem por parte do acompanhante uma plenitude tal que só tenha a dar e nada possa receber. O acompanhamento, enquanto atividade pedagógica, é sempre uma troca, um dar e um receber¹. Acompanhar e ser acompanhado é um descobrir o outro e, ao mesmo tempo, descobrir-se a si mesmo. No dizer de Paulo Freire, “a partir da descoberta de *você* como não-*eu meu*, que *eu* me volto sobre *mim* e me percebo como *eu* e, ao mesmo tempo, enquanto *eu* de *mim*, eu vivo o *tu de você*. É exatamente quando o *meu eu* vira um *tu dele*, que ele descobre o *eu dele*”².

Também é bom lembrar que toda ação pedagógica, ao compreender o ser humano como um conjunto de relações, sabe que “ensinar não é transferir conhecimento ao educando”³, mas ajudar a pessoa a compreender-se no mundo e construir nele o seu próprio caminho. Acompanhar, mais do que dizer o que deve saber ou fazer, é ajudar a pessoa a descobrir o sentido da vida e das coisas. O acompanhamento torna-se assim um espaço de troca de experiências, um cruzar de caminhos entre as duas pessoas envolvidas.

Para que isso possa acontecer, é necessário que as duas pessoas envolvidas compartilhem horizontes e objetivos.

Horizonte é o espaço dentro do qual nos movemos. É uma realidade que nos antecede e que nos dá o chão para caminhar. Nele nós nos situamos e caminhamos. Sem horizonte, a vida é absurda e o caminhar impossível, pois estaríamos no vazio. Em certo sentido, podemos dizer que é o horizonte que nos move. Por outro lado, o horizonte é sempre cambiante. À medida que nele nos situamos e caminhamos, ele vai mudando, ampliando, mostrando novos espaços, novas cores e configurações. Neste sentido, podemos dizer que nós construímos nosso horizonte e que ter um horizonte fixo é a morte, é sinal de que não nos estamos mais movendo, que não estamos mais em caminho.

No caso da VR, o horizonte pode ser amplo (o Reino de Deus), mais restrito (a Igreja ou a VR) ou bem localizado (a Congregação a que pertencemos ou até comunidade religiosa local) ou uma dada situação.

Para que haja acompanhamento, é necessário que orientador e orientando partilhem de um horizonte comum, pois um só vai entender o caminho do outro se tiver os parâmetros para entender o seu deslocamento. Sem espaços comuns, os caminhos não se encontram e não se cruzam.

Só o espaço comum, no entanto, não é suficiente. É necessário que haja um mínimo de objetivos comuns entre as duas pessoas envolvidas no processo de acompanhamento. Primeiro, se cada um

não tiver um objetivo, um para-onde-ir, nunca sairá do lugar, nem sentirá a necessidade de orientação. Só sente necessidade de orientação quem se põe a caminho e, lá pelas tantas, dá-se conta de que está perdido. Se não tiver um objetivo, pode até sair do lugar, mas ficará vagando sem rumo... O orientador, por sua vez, só poderá ajudar àquele que busca o mesmo caminho, caso contrário, como poderá conduzir alguém numa direção que ele não conhece?⁴ Se não há um objetivo comum a alcançar, duas pessoas até podem estar perto, mas não fazem caminho juntas, não se a-compañham. Até pode haver uma con-vivência, mas não um acompanhamento.

Com efeito, acompanhar, na forma usual da palavra, evoca a idéia de movimento: juntar-se a alguém para ir lá onde ele for, ir juntamente com ele, ir em companhia dele. Acompanhar tem o sentido de tornar-se próximo de alguém, caminhar a seu lado, na sua frente ou atrás dele... mas sempre na direção do mesmo objetivo: se um caminha para um lado e o outro para outro, não há acompanhamento! Se um - acompanhante ou acompanhado - pára e deixa o outro caminhar sozinho, termina o acompanhamento. Os dois têm que decidir caminhar juntos. Por isso, o acompanhamento supõe uma relação de cumplicidade, um pôr-se de acordo para caminhar juntos, um não permitir que o outro pare no caminho, seja por decisão ou por algo que não lhe permite mais caminhar. Um não pode abandonar o outro. Se isso acontecer, o acompanhamento termina e o objetivo não é alcançado.

Acompanhamento e fidelidade são assim duas realidades que se exigem mu-

tuamente. Uma não existe sem a outra, ou, dito de modo afirmativo, onde há acompanhamento há fidelidade e onde há fidelidade, há acompanhamento. Mas as duas só se dão quando as pessoas implicadas se situam no mesmo horizonte e caminham na mesma direção.

2. FIDELIDADE A DEUS

A VR é uma experiência de fé. Ela nasce, se nutre, desenvolve e caminha desde Deus, em Deus e na direção de Deus. Ele é a origem, o caminho e o destino dos homens e mulheres que a Ele se consagram. O ideal do consagrado e da consagrada é conformar sua vida à vida de Deus. Por isso, a primeira fidelidade que se coloca em toda o acompanhamento, é a fidelidade a Deus. Fidelidade que não é apenas um ato de fé, um afirmar que Deus existe. Este é um ato segundo. Antes de ser crida, a fé, para ser real, necessita ser vivida. Ter fé não consiste em assentir a um conjunto de verdades, mas em viver um determinado tipo de vida. Ser cristão não é proclamar a divindade de Jesus Cristo e o Deus-trindade. Ser cristão é viver conforme Jesus Cristo seguindo, na própria realidade, os seus passos, buscando conformar-se e conformar o mundo ao modo de ser divino.

Na VR isto tem como consequência que todas as suas dimensões, tanto as pessoais como as institucionais, buscam conformar-se ao ser divino que se nos deu a conhecer, primeiro, na experiência do povo de Israel, chegou a seu ponto culminante na pessoa de Jesus e continua, sob a ação do Espírito Santo, na comunidade de homens e mulheres

que se sentem chamados/as a continuar, no mundo, a vida de Jesus Cristo.

O acompanhamento, enquanto atividade realizada no âmbito da VR, tem a revelação como instância crítica e, a partir dela, pode ser julgado no seu conteúdo, forma e instrumentos. Em outras palavras: há muitas formas de acompanhamento. E todas elas podem ser boas. Mas talvez nem todas sejam compatíveis com a experiência cristã que fundamenta a VR e o acompanhamento nela realizado. Um acompanhamento, para ser cristão, inspira-se no Deus da revelação e na forma como Ele acompanha a humanidade.

Por isso, se dizemos que, do ponto de vista humano, o acompanhamento é uma relação pedagógica, a dois, não podemos esquecer que nele há sempre um terceiro: Deus. Ele está no início e no fim da caminhada. É ele quem nos chama e é para Ele que caminhamos. Mas Ele também é caminho e caminante no processo de todo e qualquer acompanhamento.

É o ser de Deus e o modo como ele acompanha o seu povo e toda a humanidade que nos indica se somos a ele fiéis no nosso acompanhamento aos irmãos e irmãs na VR. É o que ensaiaremos nos passos a seguir.

3. FIDELIDADE AO REAL

Um Deus que caminha junto com seu povo é uma das características típicas do Deus de Israel. Caminhar que começa quando Deus se sensibiliza com o sofrimento do povo e dele se aproxima: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que

está no Egito. Ouvi o clamor por causa de seus opressores; pois eu conheço as suas angústias” (Ex 3,7). É a situação real do povo escravizado pelo faraó que faz com que Deus reconheça o povo e o povo conheça a Deus.

Conhecer, na tradição bíblica, é partilhar da intimidade de uma pessoa fazendo seus os sofrimentos e alegrias do outro. Deus se faz íntimo do povo de Israel, assume como suas as dores do povo e torna-se fiel a esse povo através de uma Aliança. O Antigo Testamento usa várias imagens para descrever a presença íntima e fiel de Deus no acompanhamento de seu povo: Pai e Mãe (Sl 26,10), vingador (Na 1,2; Jr 50,34), esposo (Os 2,22), servo (Is 42,18ss; 52,13ss), rei (Sl 5,3), etc...

É, no entanto, em Jesus Cristo que se manifestará de forma plena e definitiva a imagem (Col 1,15; 2Cor 4,4) do Deus que se faz íntimo da humanidade. Mantendo-se fiel à Aliança pela qual havia se comprometido a conduzir seu povo e, nele, toda a humanidade, a uma vida abundante (Jo 10,10), Deus dá um passo a mais. Não se contenta em caminhar com seu povo. Ele se faz um do povo: “E o Verbo se fez carne, e armou sua tenda entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de fidelidade” (Jo 1,14).

A situação do povo de Israel - tanto no Egito como no tempo de Jesus - era de escravidão, miséria e morte provocadas por pessoas e estruturas bem reais e identificáveis: o faraó e seu projeto, no Egito; a dominação romana sobre o povo de Israel e das elites judaicas

sobre o seu próprio povo. Identificar e nomear (Lc 13,32) essas dominações é condição necessária para que o processo de libertação se inicie.

Um bom processo de acompanhamento só terá êxito quando o/a acompanhador/a conhecer de quê sofre realmente aquele que precisa ou pede para ser acompanhado. Parece óbvio, mas, na prática, não o é tanto assim... Cada pessoa é uma realidade complexa de dimensões e relações que incluem e passam pelo econômico, político, cultural, físico, social, étnico, familiar, sexual, religioso, eclesial, espiritual... e, em cada uma delas, podem ter-se incrustado ou criado opressões e dominações. Ignorar essas realidades ou reduzir a pessoa humana a apenas uma delas ou então achar que pela simples força de vontade ou piedade podem-se superar essas situações, é caminho certo para o fracasso no acompanhamento.

Na VR, docetismo e voluntarismo costumam andar de mãos dadas. Por não conseguir ou não querer assumir a real situação da pessoa, acaba-se achando que com soluções simples - determinação e piedade - se resolvem situações que independem da vontade e da fé da pessoa. É aqui que entra o recurso às ciências humanas. Elas são um instrumento que permite compreender os mecanismos que mantêm a pessoa na escravidão e sofrimento. E, diga-se de passagem, ciências humanas das quais a psicologia é apenas uma. Pois aqui também, muitas vezes, por causa do preconceito contra o corpo e o social, ainda se pensa que a pessoa é só alma/psique e se acha que a psicologia tudo pode resolver... A antropologia (nas seus

diversos ramos), a economia, a política, a medicina..., também são ciências humanas que ajudam a compreender a real situação da pessoa.

O que se pode e se deve discutir, sim, são os pressupostos e os métodos das ciências. Se, por um lado, precisamos superar docetismo e voluntarismo, por outro, também não podemos ingenuamente aceitar o preconceito de que tudo o que se afirma científico é, pela simples definição, verdadeiro ou bom. Etnocentrismo, racismo, machismo e colonialismos vários, em várias ocasiões e lugares, apresentaram-se e ainda se apresentam como “científicos”.

As ciências são necessárias e indispensáveis para compreender a realidade de dores e sofrimentos das pessoas. Não podemos, no entanto, esquecer que elas são instrumentos. Enquanto tais, elas não podem substituir ou escamotear aquilo que é o fundamental: no fundo, a VR trata de uma experiência pessoal e comunitária de Deus.

O acompanhado ou acompanhada, por sua vez, também precisa reconhecer a sua real situação. E isso, muitas vezes, é difícil e doloroso. Devido à sua situação de sofrimento, o acompanhado ou acompanhada, nem sempre está livre para perceber o que ou quem o domina. Precisa de uma ajuda pedagógica para identificar a espécie de demônio (Mt 17,20) que o está atormentando. Às vezes pode até acontecer que ele sinta o dominador como um protetor ou favorecedor, estabelecendo com ele uma simbiose necrófila da qual tem medo de ser libertado (Lc 7,33-34), pois está tão acostumado com a escravidão que não

sabe mais como viver em liberdade. Para ser fiel à real situação do acompanhador ou acompanhada, às vezes, mesmo sendo isso doloroso, é necessário uma intervenção forte por parte do acompanhador ou acompanhadora. Jesus não desejou a cruz, mas ela foi real e, por fidelidade à situação de seu povo crucificado, Ele não podia dela fugir. Tampouco os cristãos podem dela fugir.

4. FIDELIDADE COMPASSIVA

Na experiência da relação entre Deus e o povo de Israel, sensibilização e aproximação geram compromisso e ação: “Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios” (Ex 3,8a). Deus que conhece o sofrimento do povo, faz suas essas dores e põe-se a caminho em direção a um novo lugar melhor do que o presente: “para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel...” (Ex 3, 8b)

Deus vê, ouve e conhece as angústias de seu povo. Ele *desce a fim de libertá-lo e fazê-lo subir*. Deus se aproxima, luta com seu povo pela libertação e parte com ele para a Terra Prometida. Deus é aquele que abre caminho e faz caminho com seu povo (Ex 14, 15-18). Dependendo da necessidade, marcha na frente para guiar ou atrás para proteger (Ex 14,19-20). Enfrenta as forças do faraó, a fome, a sede e o calor do deserto. Vai à frente e atrás de seu povo. Arma sua tenda no meio de seu povo.

O Filho, para conhecer a humanidade, assume a condição humana. No dizer de J. Sobrino, “O prólogo de João expressa a *vontade* do próprio Deus de *ser real* no nosso mundo, vontade que não só

consiste em fazer-se fatualmente carne, mas em fazer-se carne fraca”⁵.

Na teologia paulina, o Filho, para conhecer realmente a humanidade, assume uma condição humana particular, a do povo sofredor: “Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz!” (Fl 2,6-8).

O fazer-se humano do Filho de Deus tem como objetivo conhecer e participar da condição humana para poder redimi-la a partir do que ela é: na sua fraqueza, na fragilidade diante da tentação e na humilhação do sofrimento injusto (Hb 2, 5-18; Rm 8,3-4; Gl 3,13).

Jesus não apenas vê, mas com-padece a situação humana, sofre junto com ela, faz da realidade do povo a sua própria realidade (Mt 14,14). Por ter ele próprio, na sua carne, vivido as provações e fraquezas da humanidade, esta pode aproximar-se dele confiantemente para dele receber o auxílio oportuno (cf. Hb 4,15-16). Como dirão os Santos Padres, se o Filho não tivesse assumido a condição humana, a humanidade não teria redenção⁶.

O/a acompanhador/a, para poder ajudar, precisa colocar-se ao lado do seu/ sua acompanhado/a para poder ver o mundo desde sua perspectiva. Só entende realmente o sofrimento do faminto quem já experimentou o que é ter fome. Só sabe o que é o racismo ou

o machismo e os sofrimentos e traumas deles advenientes, aquele ou aquela que experimentou estas ou outras formas de discriminação. Pessoas que sempre tiveram uma vida tranqüila e bem ordenada, dificilmente poderão ser bons acompanhadores pois não terão experiência humana para entender a dor e o sofrimento do outro ou da outra (cf. Hb 5,1-3).

O/a acompanhador/a, para ser fiel ao seu acompanhado ou acompanhada, deve ser, acima de tudo, um perito em humanidade. Perícia adquirida não tanto pelo saber bancário, mas pela experiência de vida que é a que realmente ensina. Mas, acima de tudo, deve ser perito em des-umanidade. Cabe aqui lembrar o que a tradição teológica latino-americana sempre afirmou: a opção pelos pobres é um dever cristão não pelo fato de o pobre ser bom, mas pelo fato de o pobre ser pobre⁷. Do mesmo modo, o acompanhador ou acompanhadora é chamado a ser fiel ao seu acompanhado ou acompanhada não pelo fato de este ser bom ou querer melhorar, mas pelo fato de estar sofrendo.

E, pedagogicamente, ter presente a constatação de Paulo Freire: muitas vezes o oprimido introjeta em si os valores daquele que o está oprimindo e torna-se, ele mesmo, opressor⁸. É necessário ajudá-lo a livrar-se não só do que o está fazendo sofrer. Mas também dos sofrimentos que ele, na sua dor, inflige a si mesmo e aos que estão ao seu redor. Inclusive àqueles que tentam ajudá-lo.

Na tradição bíblica, a fidelidade de Deus, expressada em hebraico pelo termo *emet* (literalmente, verdade), vem,

normalmente, acompanhada por *hesed*, bondade misericordiosa, capaz de ser fiel mesmo quando o povo murmura contra Deus e lhe é infiel (cf. Ex 34,6; Nm 14,28; Dt 5,9-10). A verdade/fidelidade de Deus consiste em manter-se fiel à sua Aliança com Israel independentemente da resposta do povo. Analogamente, podemos dizer que verdadeira fidelidade do acompanhador ou acompanhadora ao seu acompanhado consiste em ser-lhe fiel mesmo quando este não quer ou, na tentativa desesperada de ver-se livre da opressão, agride aquele que tenta ajudá-lo.

A cruz daquele que sofre não pode ser jamais motivo de escândalo para o orientador ou orientadora (Rm 9, 32-33). Mas só não se escandaliza com a cruz do irmão, aquele que sabe reconhecer e busca vencer a cruz marcada no seu próprio corpo (Gal 6.17)

5. FIDELIDADE NO CAMINHAR

Ao sair com seu povo do Egito, Deus estabeleceu com ele uma Aliança. Pressuposto da Aliança é que haja liberdade dos dois lados. Quando as duas liberdades se encontram e entram em sintonia, a Aliança acontece. A Aliança é, por natureza, dialógica. No momento em que a vontade de um se impõe sobre a do outro, não há mais Aliança, mas dominação.

Aliança exige paciência. Mesmo quando o povo titubeia, quer romper e voltar atrás (Ex 16,1-3; 17,1-3), Deus se mantém fiel e continua a caminhar com seu povo em direção ao objetivo, à “terra prometida”.

A provisoriidade da estrutura cultual - altar (Ex 20,24), arca (Ex 25,10-12) e tenda (Ex 25,13-14) - indica que o estar junto e caminhar não se excluem, ao contrário, se complementam. O encontro de Deus com seu povo não se dá num lugar específico, mas no próprio caminhar: um vai junto com o outro e, se um não vai, o outro também não faz caminho (Ex 40,36-38).

Toda a história de Israel nada mais é do que a história desse acompanhamento fiel de Deus a seu povo em busca da vida e da liberdade. Mudam as circunstâncias. Novas escravidões aparecem: a monarquia, o exílio na Babilônia, a invasão dos gregos e dos romanos... Mas Deus, cada vez e de novo, ouve, vê e se compadece de seu povo. E desce para, tal qual novo êxodo, lutar a seu lado e fazer outra vez caminho com o povo, acompanhando-o sempre, sem deixá-lo desfalecer na estrada nem morrer a esperança: “Não quebrará o caniço rachado, não extinguirá a mecha que ainda fumeja” (Is 42,3).

O Caminho não é feito só de dores e sofrimentos, mas também de festa e alegria. Como símbolo de sua Aliança com o povo, Deus escolhe uma refeição. A Ceia Pascal realizada para marcar a saída do Egito (Ex 12,1-14) e revivida a cada ano por toda a comunidade de Israel (Ex 13,3-10). E nisso, mais uma vez, Deus mostra que é companheiro do Povo de Israel e quer que este seja, reciprocamente, seu companheiro. Com efeito, do ponto de vista etimológico, o verbo *acompanhar* vem do latim “ad cum panis”, expressão onde o “ad” indica o movimento e “cum panis”, aquele com o qual se partilha o pão. Companheiro é

a pessoa com a qual se partilha o pão, a vida, a refeição. E isso não se faz com qualquer pessoa, mas só com quem se estabelece uma relação especial, uma relação de fidelidade⁹. A participação na refeição é regrada: dela só podem participar aqueles que partilham a mesma origem, o mesmo caminho e o mesmo destino (cf. Ex 12,43-50).

Tendo assumido a condição humana, o Filho de Deus se põe a caminhar com a humanidade. Na escolha dos doze (Mt 10,1-4) reconstitui simbolicamente o Povo de Israel e começa a fazer caminho com ele (Lc 13,2). Caminhar que não está isento de tentações. Os discípulos nem sempre entendem o que Jesus quer e o diálogo, às vezes, se faz ríspido (Mt 16,23) e chega até à ruptura (Jo 6,66-70)

O próprio Jesus tem que se confrontar com as tradições e expectativas que a seu respeito são geradas. A cena das tentações (Mt 4,1-11) é exemplar do discernimento que Jesus tem que fazer para manter-se fiel a seu objetivo: anunciar e realizar o Reino (Mt 4,17.23-25). Discernimento que permanece até o fim na busca não de fazer a própria vontade, mas a vontade do Pai (Mt 26,42). O que garante a fidelidade em meio a tentações e perseguições (Hb 11,1-38) é a fé que se mantém mesmo quando nenhum resultado aparece (Hb 11,39).

O diálogo, com certeza, é o caminho mais longo. Deus levou 40 anos dialogando com o povo no deserto! Jesus, três, com seus discípulos... E, mesmo assim, nem todos entenderam. Mas os que entenderam, saíram fortalecidos e sentindo-se autorizados a levar a Boa Nova até

os confins de toda a terra (2Cor 5,18)¹⁰. Para ser compatível com o ideal cristão de humanidade, o acompanhamento necessita construir-se *a partir e no* diálogo. Uma orientação impositiva, incapaz de ouvir a palavra da pessoa orientada, pode até curar a pessoa de um mal, mas o jogará num outro. No mínimo, torná-la-á dependente do/a orientador/a. Dependência que, habitualmente, toma a forma de infantilização ou domesticação¹¹.

A liberdade de Deus e a liberdade humana, no entanto, não são iguais. Da parte de Deus, a liberdade é absoluta. Ele propõe antes de saber da resposta da humanidade. De parte da humanidade, a liberdade é sempre resposta condicionada. Condicionamento que muitas vezes dificulta e até mesmo impede uma resposta livre. Por isso, quando a humanidade interrompe o diálogo, Deus “dá um tempo” e outra vez retoma a iniciativa.

Da mesma forma, o/a orientador/a, nunca deve desistir do diálogo e de suas exigências, às vezes dolorosas. Ouvir um “não” ou uma agressão por parte da pessoa orientada é o mínimo para o qual precisa estar preparado. Dizemos “mínimo” porque é dever do orientador apresentar, a cada não ouvido, uma nova oferta de ajuda, mesmo sob o risco de ouvir um outro não.

Para que a Aliança persista, é necessário que haja uma constante oferta e uma constante aceitação de ambas as partes. Na tradição do Primeiro Testamento, a Ceia Pascal é a ritualização do re-dizer a Aliança. Na tradição do Segundo, a Eucaristia é a memória presente e futura da Ceia da Nova Alian-

ça (Lc 22,19). A orientação, para que possa persistir e dar frutos, também precisa criar seus rituais de renovação. Não são encontros aleatórios ou esporádicos que criam um caminhar juntos. Só a constância e a periodicidade podem criar cumplicidade no caminho e levar orientador e orientando a sentar à mesma mesa e partir o mesmo pão na intimidade. O comer juntos, expressão suprema da fidelidade dialógica, supõe regras. Aqueles que não as cumprem, orientador ou orientado, ao invés de celebrar a libertação, poderão, consciente ou inconscientemente, reforçar ainda mais as estruturas de escravidão (cf. 1Cor 11,34).

6. FIDELIDADE AO PROJETO

Javé estabelece com o Povo de Israel uma Aliança de fidelidade (Ex 19,3-7; Dt 6,14-19) que tem como objetivo garantir o não retorno à escravidão do Egito (Ex 20,1-2; Dt 5,6) e a um futuro de vida em liberdade e plenitude (Dt 6,10-12). A “terra prometida” é o destino da caminhada que Deus se propõe fazer com o Povo de Israel. Voltar ao Egito ou reproduzir o seu sistema de opressão, é a grande tentação. A idolatria é a manifestação cultural do abandono do projeto de libertação (cf Ex 32; Nm 11).

O Reino é o centro da pregação de Jesus¹². A clareza e a firmeza no projeto do Reino leva Jesus e os seus discípulos a tudo abandonar por causa dele (Mt13,44-45) e a sacrificar a própria vida por causa da Boa Nova de Deus (1Tes 2, 7-8).

Jesus não chama os discípulos para estar junto dele. Através de sinais e pará-

bolas vai acompanhando-os no caminho do Reino¹³. Acompanhamento que não é simplesmente teórico. É na prática, em meio às dificuldades e contradições da busca do Reino que eles farão *seu próprio* caminho (Mt 10,1). Jesus apenas aponta os sinais. Os discípulos têm de aprender a vê-los e a lê-los (Mt 16,4). Só assim construirão o seu *próprio* caminho no qual andarão quando o mestre não mais estiver com eles (Jo 16,16-19).

A experiência da ressurreição, mais do que um dado físico (um corpo redivivo) ou metafísico (a afirmação de que Jesus está junto de Deus), é uma afirmação histórica que só aqueles que foram fréis até o fim conseguem fazer. Seu significado profundo é a autorização que os discípulos recebem do próprio Jesus para a fazer o que ele fazia: sinais do Reino (At 4,19)¹⁴.

Fidelidade ao real, fidelidade compassiva com o orientando, diálogo como modo de acompanhar, todas estas realidades, importantes em si, ordenam-se à realidade última: a vida e a vida em abundância da pessoa que está sendo orientada. Duas tentações podem apresentar-se diante das dificuldades do acompanhamento na VR: a resignação e a acomodação institucional.

Por resignação entendemos a capitulação diante da dificuldade em mudar de situação. Por parte do orientador, é o abandonar o orientando à sua própria sorte: “já que ele não quer mudar, que fique assim e agüente as conseqüências!” Por parte da pessoa orientada, é resignar-se à própria situação e abandonar qualquer tentativa de mudança:

“eu sou assim, soffro, mas mudar me faria soffrer mais ainda!” Tanto num caso como no outro, é a falta de fé que impede o milagre acontecer (Mc 6,5). A pessoa que está sofrendo tem até direito de duvidar da fidelidade de Deus. Aquele que aí está para ajudar, este não tem tal direito! É sua missão manter a esperança sempre presente.

A acomodação institucional é pior e, além disso, injusta. Por acomodação institucional entendemos aquela atitude de não mais tentar ajudar a pessoa a sair de sua situação de dor e sofrimento, mas tentar “aproveitá-la”, assim como está, em benefício da instituição. Essa atitude é pior pelo seu cinismo - renúncia à missão de ajudar - e injusta porque coloca a pessoa como meio e a instituição como fim, invertendo a ordem das coisas. A instituição é sempre um meio. A pessoa é sempre um fim. Quando a instituição se coloca como fim, ela começa a ser idolátrica e a exigir sacrifícios humanos. E pior: começa a buscar pessoas para serem sacrificadas no seu altar idolátrico.

Ter presente o projeto de vida do Reino e ser capaz de a ele manter-se fiel em todas as circunstâncias, por mais adversas que sejam, é a garantia última da fidelidade no acompanhamento. Isso, muitas vezes, exige relativizar as mediações do Reino que são, entre outras, a Igreja e a VR. Estas não podem ser absolutizadas. Se, na orientação, o orientador ou o orientando perceber que, para poder viver a vida de Deus, precisa abandonar as mediações, é seu dever fazê-lo. Da confusão entre mediação e projeto último nascem os escândalos e a condenação eterna (Mt 16,23)

7. PARA CONCLUIR

A missão de acompanhar irmãos e irmãs no processo de discernimento do projeto do Reino de Deus dentro da Igreja e da VR é, com certeza, desafiador. Exige muita capacidade de escuta, de diálogo e disponibilidade para fazer caminho dentro do horizonte que nos cabe viver.

Sem dispensar o auxílio das ciências, a orientação tem como parâmetro primeiro o caminhar de Deus com seu povo e com toda a humanidade. É nesse caminhar que se nos revelam os parâmetros permanentes da orientação em ambiente cristão. É a Ele, pois, que devemos, em primeiro lugar, ser fiéis.

Mas como os tempos, os lugares e as pessoas mudam, esse modo de ser sempre se encarna numa situação concreta. Os religiosos e as religiosas não são seres de outro mundo. São homens e mulheres de carne e osso situados no tempo e no espaço. São pessoas histórica e culturalmente situadas. E é a elas que, em segundo lugar, devemos ser fiéis na orientação.

As mediações para esta fidelidade a Deus e às pessoas concretas, são o método e o projeto. Compaixão provocativa e proximidade desafiadora são o modo de acompanhar. Projeto é o Reino de Deus que nunca pode sair do horizonte de todo aquele que trilha os caminhos da VR.

Para poder ser fiel ao orientando, o orientador precisa, ao mesmo tempo, ser fiel a si mesmo, a Deus, à realidade, ao método e ao projeto... Quem poderá suportar tal peso? Os orientadores e

orientadoras também são humanos... Também são pessoas necessitadas de ajuda e que, no processo de orientação, vão fazendo caminho. Por isso, uma das virtudes exigidas da pessoa que orienta é a humildade. Não, porém, a humildade do apequenamento. Mas a humildade da tranquilidade que nasce da certeza de que todo discernimento é, em última instância, obra do Espírito (1Cor 12,10). É Ele quem vem em auxílio às nossas fraquezas e perscruta os corações (Rm 8, 26-27).

Sendo o Espírito o ator principal em todo papel de orientação, resta, para quem orienta, o papel importante e sempre necessário de, na busca, tentar discernir o que o Espírito deseja de nós, hoje, religiosos e religiosas, neste momento da vida da Igreja e do povo na América Latina e Caribe.

Notas

¹“O educador há não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem”. (FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 11ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 78-79).

²FREIRE, Paulo, *Pedagogia da Tolerância*, São Paulo: UNESP, 2004, p. 149.

³Ibid, p. 148. Uma educação que pensa apenas na transmissão de conteúdos é o que P. Freire chama de “educação bancária”. Sobre isso, cf. também FREIRE, Paulo, *Pedagogia do Oprimido*..., p. 65-87.

⁴Trata-se é claro, de um conhecimento parcial, relativo, pois o fim da caminhada é Deus que, como tal, sempre escapa a um conhecimento total.

⁵SOBRINO, Jon, Os mártires: interpelação à Igreja, em: CONCILIIUM, fasc. 299, 2003, p. 144.

⁶Cf. ORÍGENES, *De Incarnationes*, 50.

⁷Cf. BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo, *Como fazer teologia da libertação*, 7ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 77-79.

⁸Cf. FREIRE, Paulo, *Pedagogia do Oprimido*..., p. 52-58.

⁹Sobre a importância e a significação do comer juntos ver: FARB, Peter; ARMELAGOS, George, *Consuming Passions: the Anthropology of Eating*, Boston: Houghton Mifflin, 1980.

¹⁰Cf. CROSSAN, Jon Dominique, *O Jesus Histórico A vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*, Rio de Janeiro: Imago, 1994, No Cap. 15, “Ressurreição e Autoridade”, há uma interessante reflexão sobre a ressurreição como experiência de autorização nascida do diálogo.

¹¹Para P. Freire, o diálogo é uma exigência fundamental para a ação educativa libertadora. Cf. *Pedagogia do Oprimido...*, p. 89-97.

¹²Cf. SOBRINO, Jon, *Jesus, o libertador. A história de Jesus de Nazaré*, Zed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 105-109.

¹³Cf. *Ibid.* p. 135-159.

¹⁴Sobre o significado da ressurreição de Jesus, ver: SOBRINO, Jon, *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*, Petrópolis: Vozes, 2000, Cap. I: "A ressurreição de Jesus. Ressurreição e vítimas".

